

VOL. I.

A GRINALDA. N. 2.

JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 30 DE JULHO DE 1848.

Na lida da humana vida
Deve por-se de permeio,
P'ra suavisar o trabalho,
A distracção e o recreio.

A GRINALDA Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.^a, rua do Ouvidor n.º 91; Passos na mesma rua n.º 152; Teixeira & comp.^a rua dos Ourives n.º 21, a 2000 rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

IMPERISA.

(ROMANCE.)

POR

JOSE' ANTONIO DO VALLE.

*Ella, tão só, não podia existir sem
o amor de um poeta.*

II

TÃO SO'....

Um mez se havia passado. Eu estava outro, e meus estudos predilectos eram o da moral religioza e dogmatica e a historia sagrada e ecclesiastica... tinha-me inteiramente esquecido de meu escalpelo de anatomico, com que costumava tactear o interior do homem, e conhecer o segredo de sua organização... tinha-me tambem esquecido das theorias das composições e decomposições dos principios elementares e constituintes dos corpos, que se examinavam em meu curso de chimica, como si eu não fosse obrigado a sabê-las. Mas

eu não tinha um só momento de repouzo... as horas me corriam, e desapercebido não as sentia.

Eu tinha visto um anjo!

Era mister estudar a sua natureza, conhecer a sua missão, e, si fosse possível, entrar no ceo com elle, e 'reclinar-me por fim no seio de Deos. Isto se tornára, desde o instante em que sentira seu halito e o bater de seu coração, uma necessidade ardentissima de minha alma.

Qual seria a porta da estrada de minha nova vida, e qual a baliza que me faria descançar na minha marcha? A Religião. E' ella, e somente ella, que nos ensina a verdadeira philosophia da natureza, e nos dita os preceitos divinos que reserva zelosamente á humanidade. - Para mais reconcentrar-me em meus estudos, costumava todas as tardes visitar os claustros, e entao reflectivo ouvir os echos dos sepulchros despertados pelo monotono ruido de minhas pizadas. Como me era sonora a musica do côro, e gemedôra a voz dos finados repetida pelo sino vibrante da pequena tôrre do Convento de S. Antonio!!... era toda a vida minha uma imagem sombria da solidao e eu todo um amor melancolico e religioso.

Um homem que ama uma mulher vulgar incendeia-se em um volcão de sentimentos perturbados e sem nexo, e desnaturala inteiramente o — amor —. Mas o que tem a ventura de conhecer e amar uma mulher-anjo, esquece-se da terra para só pensar no ceo, porque é lá que existe o seu — amor — tão puro, tão doce e tao feliz como o viver do bem-aventurado.

Eu estava n'este ultimo cazo; os meus pensares e os meus cuidados corriam assim como corre a agua doce, azul-clara e aromatica do lindo Gravatahy, do mais delicioso rio da minha terra. E nem al me agradava, — al que não fosse por *ella* e somente *ella*.

Era um dia sombrio, e choviscava. Eu tinha subido com passo lento a ladeira que conduz á porta do Convento de S. Antonio, e passado por sobre a extremidade do aqueducto da *Carioca*, que fornece de agua á maior parte dos habitantes da Capital do Imperio, sem nada ter visto, nem mesmo sentido o ar humido e frio que me bafejava a cazaca e penetrava atravez das dobras do collete. Entrei no interior do edificio e fui passear mudo debaixo das arcadas sustentadas pelas columnas do claustro.

Dous frades iam caminhando pelo lado opposto ao em que

me eu achava. Elles pararam; attentaram em mim; praticaram entre si e separaram-so. Um d'elles derigio-se para o lugar em que me achava e o outro desapareceu á meus olhos.

— Sois sensivel ás misérias do proximo? perguntou-me o frade.

Eu olhei-o indifferente, não entendi o seu interrogatorio e puz-me á passear sem dizer uma palavra.

— Precizo um serviço de vós, ou antes uma nossa irmã...

O frade á esta segunda allocução examinou-me e suspendeu suas palavras. Eu conheci então que elle necessitava seriamente de mim.

— Em que posso servir-vos, reverendo?

— Sois medico, não é verdade? me interrogou elle.

— Mas ainda não tenho o grão de doutôr.

— Não importa, é o mesmo; podeis mais que ninguem prestar-nos o serviço, que tornará alegre e feliz uma familia inteira.

— Não me recuso.

— Então esperai um pouco, eu vou á minha cella e voltarei sem detença.

Com effeito o religioso não se demorou mais de dez minutos. Mas eu pensei, no entanto, em uma multidão de couzas! tive tantas ideias... boas e mas! conjecturei tantas couzas á respeito da minha promessa e do que iamós fazer, que não reparei na vinda do frade sino quando elle me derigio estas palavras.

— Ambos somos ministros da humanidade e das ordens de Deos; vós curaes o corpo dos homens, e nós curamos-lhes as almas: mas é necessário que esta missão seja cumprida á custa dos nossos mais fortes sacrificios.

— Necessitamos austera virtude, e a sabiduria que nasce d'ella...

— Si a não tiver-mos, si a hypocresia vier um dia manchar os nossos labios, e profanar o nosso coração... maldição!... reprobção eterna!...

— Façamos por ser bons, e á Deos pessamos o auxilio preciso.

— Amen! murmurou o frade.

E fez-me signal para que o acompanhasse. Sabimós e percorremos muitas ruas, sem trocarmos mais palavras. Finalmente elle parou em frente de uma casa de bella apparencia, olhou-me com vista perscrutadôra, e disse-me aproximando-se-me de modo que parecia querer que ninguem o ouvisse:

— Guardareis inviolavel segredo?

— Ainda nao jurei sobre o livro de Hypocrates guardar os deveres da minha profissão, mas. . .

— Esse juramento está gravado em vossa alma de á muito? não é verdade?

— Sim, reverendo! adivinhastes as minhas palavras.

— Confio em vós! Nós vamos entrar; subiremos ate um quarto que fica á esquerda no segundo andar, e lá vos deixarei só com uma jovem, tão bonita como o sol ou como uma estrella, a quem deveis examinar cuidadosamente. Ella se achra gravemente enferma, e por isso não a interrogueis de modo algum. Eu vos espero, para receber vossas ordens.

Entrámos e com effeito fiquei só com a mais linda mulher que eu tinha visto até então. A sua mocidade, a lindesa do seu todo, a frescura de suas feições e a ternura que se lia no volver de seus olhos inimitaveis poderiam sem duvida, arrebatá-me e inteiramente seduzir-me, si eu ja não tivesse *Imerisa* na minha alma, no meu coração e em todos os meus pensamentos. Nao pude porem furtar-me, á sua primeira vista, a uma deliciosa admiração. Ella complimentou-me com um aceno de cabeça, e permaneceu, como se achava, deitada de baixo de uma colxa de seda, tendo a cabeça amarrada com um lenço branco.

Comecei o meu exame. A sua phisionomia estava denotando a tristeza e a melancolia, mas eu via atravez desse véo a saude; sua respiração era livre e regular, e as pulsações do coração faziam-se com a maior regularidade possível; seu pulso batia periodicamente. . . em fim todas as suas funções eram normaes. Pelo que eu podia julgar, mostrava-me que seus padecimentos reduziam-se á uma leve affecção moral, que nem ao menos apresentava o menor indicio na sua economia interna. Não me era possível interrogá-la, nem a sua gravidade m'o permitia fazer, por isso sabi, complimentando-a seccamente, e fui reunir-me ao frade, que me esperava.

— Como achaes a doente?

— Vi e examinei uma moça, cuja organização é excellente e de uma saude de ferro.

— Julgaes que nada tenha.

— Affirmo.

— Escrevei isto mesmo, para responder á esta carta.

E elle me entregou uma carta que lhe era dirigida. Não quiz lê-la, e respondi debaixo de uma firma que eu desconhecia:

« A supposta doente, que me appresentaram, goza de per-

feita saude, á julgar pelas apparencias, salvo si algum mal moral lhe perturba a alma».

— Nem mais precisamos! exclamou o frade lendo o meu escripto; Graças á Deos, que uma familia inteira se congratuará, e a paz do Senhor reinará em seu seio! O ceo vos abençoe...

— Era isto somente que precisaveis de mim?

— O ceo vos abençoe *per omnia secula seculorum*. Não vos offereço recompensa....

— Meu padre!

— Calo-me humildemente. E' S. Francisco que hade pedir aos pes de Deos pela vossa salvacao. Agora é de necessidade que nos separemos.

— Adeos, meu reverendo.—

— *Pax vobis*.

E eu deixando o religioso fui á caza de Imeriza, sorver em seus labios o mel da ternura e da virtude. Quando nós nos aproximamos a aquelles cuja pureza resumbra um aroma de jasmims ou de rosas, tornamo-nos perfumados de seus dons, de suas qualidades angelicas.

Desde entao fui mais assiduo do que nunca em vizitar a bella e engracada mulher, que eu amara no leito da dôr, e que de dia em dia se me tornava mais interessante. Ella, por sua parte, cada hora, sem o saber, me amava mais.

Um dia grato chegou para nós!... Chovia, e chovia a potes como se costuma dizer; e eu não podendo deixar de ver Imerisa, sahi de minha caza e fui procural-a.

— « Sinto á esta hora encomodar-vos, disse eu vendo-a; mas folgo ter-vos mostrando que as tormentas da natureza nao foram capazes de fazer estremecer um coração que palpita.... »

Era este um trecho da — *Divina Pastora* — novella que eu entao estava compondo. Ella pareceu surprehender-se, mas nada me disse. Poucos dias depois se-haviam passado; e eu ao lado de Imerisa lembrava-me do que tinha feito e contava-lhe como contaria ao meu anjo da guarda, todas as minhas acções.

— Não te zangarás commigo?

E porque?

— Porque hoje estava só-sosinho, e observava a verdura do morro de S. Theresa com uma tristura espantosa; nao sei como aquellas plantas me intristeceram tanto!....

— E depois?

—Depois procurei uma cousa em minha alma que me consolasse. . . . achei. . . . foi Deos, e. . . .

—Foi Deos?!

—Foi Deos e fostes tu! Vi a tua imagem presente á meus olhos, tu me fallavas, dizias tantas cousas! . . .

—E porque me heide zangar contigo?

—Pensei; mas obrigado. . . consentis que vos beije a mão?

E ella m'a estendeu com uma languida ternura.

Beijei a mão que soccorria aos desgraçados e que, a mais pronta, se estendia á enxugar as lagrimas das viúvas e dos orphãos — a mão de um anjo. . . .

Eu não podia ter mais ventura!

Tinha já comprehendido o que era um ente angelico, paramentado com as vestes terrestres — e eu amava a minha Imerisa.

Esquecêra-me totalmente da moça que vira desolada e só em um leito, e do frade que me levára do convento para examinal-a: meus pensamentos erão todos da relegião e do amor santo, que seuão descreve, porque não seria comprehendido na terra, porque só no ceo é que existe, na morada de Deos. Uma manhã porem sahi para ir a missa, e não escolhendo Igreja entrei na primeira que vi. Não examinei como é do meu costume, as pessoas que ali estavam, mas apenas findou o sacrificio christão, reparei em uma jovem que me acenava para que chegasse á ella; surprehendido adiantei-me, e conheci a minha doente incognita, no meio de uma familia presidida por um ancião respeitavel.

—Meu salvador! exclamou ella dando-me a mão para apertar—Meu pai, continuou fallando ao ancião, tinhamos procurado-o tanto! Vede-o: seria esta a imagem, que tinheis formado na alma, do homem que nos restituiu á felicidade, que me restituiu ao vosso coração.

—Senhor Doutor! bradou o velho radiante de alegria.

Meus ouvidos acostumados, na escola de Medicina á este titulo, que os estudantes se dão mutuamente desde o 1.º anno, não poderam ouvil-o então impunemente. Minhas faces se enrubreceram, meus olhos se fixaram no pavimento do templo. O titulo de doutor me não pertencia ainda, e por isso me confundio. E ainda mais os cumprimentos e os agradecimentos multiplicados que me fizeram tantas pessoas, completaram o meu embaraço. Mas era hora de sabir; pediram-me que as acompanhasse e eu obdeci. Entrando em sua casa, que já conhecia, demorei-me pouco, e prometti que voltaria para

convir o motivo de sua gratidão. Eu ainda ignorava tudo o que se havia passado, e qual oeffeito do insignificante serviço que me parecia ter praticado.

Quando cheguei á minha casa achei uma carta, que me tinham trasido, sobre a meza-falsa da secretaria; abri-a sofregamente e devorei-a com os olhos e com o pensamento; mas um fluido muito frio me côou pelas veias e pelas arterias depois alevantei-me estupidamente, e como se não pudesse acreditar ao que tinha lido tornei a passal-a pela vista.

« Rogo-lhe que visite minha filha o menos que for possível. Circunstancias graves reclamam esta medida, que espero ser posta em acto porque conheço a sua prudencia. »

E a letra era da mae de Imerisa.

— E' uma ordem! disse eu commigo; oh Ceos! e poderei cumpril-a? Mas é mixter; irei hoje, e depois... então!...

A dor me suffocava!

Seria a hora da *Ave Maria* — eu não me lembra bem! seria á essa hora que eu pizei o limiar da casa de Imerisa, do tempo que guardava a minha santa bem-querida, e perguntei por ella, e ninguem me respondeu. A' força de procural-a encontrei-a chorando.

— Que tens meu anjo?! perguntei-lhe afflicto.

Um novo soffrimento apparecêra em minha alma.

Nada, me respondeu ella seccamente; eu tudo vi; estava na Igreja...

— Estavas na igreja?!

— Admiras-tes? pois bem; não me verás mais... adeos!

E ella me fugiu ligeira.

Vem cá meu anjo bradei eu; si nunca tivesses sabido do ceo não terias agora commetido uma falta! na terra tudo se profana! Tinha de revelar-te um segredo, e queria que me ajudasses a cumprir a ordem de tua mae, e tu fugiste! fugiste de quem te adora, de quem só vive por ti!!

E não podendo mais vê-la, desci as escadas, e fui para o sótão de minha habitação pensar em meu estado.

— Uma ordem de sua mãe! um repudio *d'ella*! fallei mil vezes á mim proprio.

Tudo me fugira; meus sonhos de ventura se esvaneceram e eu estava então no muudo só-zinho....

Tão só!—

(Continuar-se-ha.)

O MEU BOTÃO DE ROSA.

I.

Deu-m'o Odilia, commigo brincando um dia.

Quereis ver o meu botão de rosa tão lindo?—elle é meu, é de côr tão suave, seu perfume é tão doce!

Quereis ver essa minha rosinha ainda fechada? seu pequeno calix é verde, as folhinhas são verdes—eu gosto de uma rosinha assim tão mimosa!

Porque foi della—porque o colheu no seu jardimzinho.

Brincavamos um dia—eu amava seu candido prazer—ja farta de commigo se enterter, foi-se á sua roseira—vergou-a—cortou-lhe ligeira a sua mais formosa flôr.

E a roseira ficou sem botão! coitadinha!

E ella na manhã seguinte tinha gottas de lagrimas ornando suas folhas, parecia triste essa roseira, por lhe haverem roubado o seu botão.

Chorava eu de a ver assim tão mesquinha—esperando o sol para queixar-se da violencia de Odilia.

« Oh » lhe disse eu » não lh'o contes, minha roseira edula, não lh'o digas; segredo, que esse sol poderia queimar-lhe a côr tão mimosa de seu rosto.

« Poderia despeitado fazer seccar o seu predilecto pésinho de violetas.

« Poderia enfadado queimar a areia, sobre a qual ella poisa seus pezinhos.

« Poderia deslumbrar-lhe a vista de seus olhos fagueiros—serenos—languidos.

« Eu terei cuidado em chegar-te terra ao teu pé, regar-te todas as manhãas com agua fresca da fonte; e tu crescerás—novas folhinhas nascerão de teus peciolos—e uma nova florinha brotará do novo gomme.

Nem mais lhe disse, porque enternecida debrou com o pezo de seu remorço de querer fazer-lhe mal, a ella sua senhora—a ella sua e minha Odilia—a ella tão viçosa entre as florinhas de um jardimzinho.

Amo esta roseira que assim ouviu meus rogos.

Eu lhe mostrei o meu botãosinho mimoso—surrio-se com ar enfadado.

Coitadinha—eu tinha a sua pequena florinha—no meu peito—bem sobre o coração.

Odilia ali m'o havia collocado—

Eu guardarei esse presente meigo — e lembrar-me-hei della — e tambem, talvez, da roseira.

Cuidadoso guardei-o, cuidadoso colloquei-o ao sereno, n'uma noite em que a lua apparecia no firmamento.

Ao outro dia fui vel-o, para o pôr no lugar em que ella m'o havia posto; estava lindo tão lindo como hontem — tão lindo como ella o imaginara para mim.

Alegre — beijeil-o mil vezes — mas com cuidado — porque não queria tocar-lhe de medo de o desfazer.

Eu estava longe della, nesse dia de ausencia — e não estava triste porque tinha o meu botao de rosa bem lindo — ella m'o havia dado — era meu e era della!

E eu afagava-o meigamente — fallava-lhe — tornava a beijal-o — fazia-lhe mil perguntas — oh eu tinha mil planos para esse pequenino botão.

Queria mostral-o a minha mãe — porque ella ama as flores.

Queria depôl-o em um vasinho singelo em agua bem fresca.

Queria perto delle adormecer e sonhar com ella.

Eu sei — eu queria mil cousas com elle.

Era tão lindo, lindo tal que nunca havia visto um assim; era tão lindo como ella, era tão querido como ella, era ella mesmo.

Sabeis o que aconteceu? sabeis o pobresinho como me abandonou.

Abriu em uma linda rosa, era uma de suas faces; — e pouco tempo depois cahirão-lhe as petalas — murchou — morreu.

Oh que eu fiquei triste e desconsolado.

Chorei por havel-o perdido.

Eu não possuia o presente della.

II.

Seccos e mesquinos restos da minha rosinha cahirão — sobre as paginas do meu album.

Ahi ficaráõ para memoria do botão que assim abandonou minha possessão.

Que mal lhe fiz? que trato lhe dei senão delicado.

Coitadinho longe da mãe que o havia brotado, falleceu à mingoa talvez das caricias maternas.

Que não as minhas — são as caricias da roseira mais mimosas e singelas.

Ella sabe menear ou embalar seus fructos meigamente, em seus bercinhos bafejados pelo zephire da manhaa.

Mas Odilia assim não me abandonará — será sempre minha — sempre a mais linda e viçosa creaturinha.

Deus a fez tão formosa, deu-lhe uma alma tão pura — e um coração que se move singelamente no amor de virgem.

Deus me fez, para vê-la como ella é — fe-la para mim, fe-la para eu cuidar — de sua existencia.

Uniu nossas almas, uniu nosso amor — nossos suspiros — nossas lagrimas.

Sou bem contente de a possuir!

Que queria eu mais que ella!

O que sobre a terra encantaria mais minha imaginação!

Nós seremos dois neste mundo, marcharemos bem a par um de outro, velarei teu caminho, afastarei os espinhos que encontrares — eu serei teu companheiro, contando-te coisas variadas, mostrar-te-hei o céu com as estrellas — o corrego com os seus ceixinhos — a cascata com a sua espuma branca — assentar-nos-hemos, quando cansados sobre alguma pedra, à sombra e encostada a meu braço dormirás ali o somno refeitor de tuas forças — e depois alegres marcharemos ao termo.

Quereis mais Odilia?

Eu fallar-te-hei de Deus, de ti e de minha mãe.

Nem fallaremos de amor, porque este deve estar só na alma, nunca em meus labios que nem o sabem balbuciar: só tu me fallarás de amores, tu bem o sabes, que não o profanas — porque és pura e tão singela como elle.

Sei amar-te sem t'o dizer — assim como a tua roseira te ama.

Quando reparo em teus olhos — enrubeces, é que sentiste a phrase sublime do meu olhar.

Quando olho para as tuas florinhas — eu rio-me; e tu te surris; é que tu sabes que comtigo as amo.

Nosso amor é mudo como som de sopro aerio.

Nosso amor é em segredo, como se amão os passarinhos sobre o galho.

Nosso amor é mudo, tão mudo como se amão nossos olhos.

Nosso amor é em segredo, como se amão nossos labios.

Mas jamais me dês outro botõesinho de rosa, deixa-o crescer sobre a roseira, deixa-o desabrochar, e de manhã quando a vesitares, beija-o, e diz-lhe que é minha também.

Deixa a roseira criar seus filhinhos.

Queres tu que a mãe não gema, o filho não definhe quando o arranca de seus braços!

Mais duravel que esse botão, mas constante em vida, será o botõesinho de teu amor que conservo dentro da alma.

Ahi se alimenta elle da minha vida, jamais fenece.
Ahi elle é eterno, porque a alma é immortal.
Será este só o meu mais querido botão da tua roseira da
vida —o teu amor.

Outro nao quero.

Quando chegar o tempo de desabrochar, tu o verás.

Será a mais linda rosa da existencia—a amizade eterna e santa.

LUIZ CORREA DE ASEVEDO JUNIOR.



LELYMINO

AO PRINCIPE HERDEIRO DO SOLIO BRAZILEIRO.

(PARA SER CANTADO POR UM CÔRO DE VIRGENS)

Lindo infante, doce aurora,
Doce aurora do Brazil
Surgio no ceo magestoso
Serenio, azul cor d'anil.

Virgens, corramos
Ao throno exultar
Que nova florinha
Começa a brotar,

De Pedro Segundo Augusto
O Augusto herdeiro nasceu
Mais um presente primoso
A' nossa terra o ceo deu.

Virgens, corramos
Ao throno exultar,
Que nova florinha
Começa a brotar.

Os nossos prantos amargos
Deus bondozo fez seccar
Ja temos um anjo puro
Que nos hade governar.

Virgens corramos, &c.

Oremos com alegria
Com virginal devoção
Pelo bem que recebemos
E sua conservação

Virgens, corramos

Viva a Família Imp'rial
Co'o seu mimoso botão
Viva a nossa amada patria
E viva a constituição.

Virgens, corramos &c.

CANTATA

Ao feliz nascimento DE

Sua Alteza o Principe Imperial.

Hia, da noite, o veo caliginoso
Descambando o crepusculo sombrio,
Para mostrar-se a bella madreperola
Reflectida por Astro lusidio!
Occultando-se a noite apenas ia
Bafejada por zephиро mavioso,
E ao som de canto assás melodioso
Surge o mais bello, mais formoso dia
Embalado por brisa sonora,
Saudado por myriades de alados,
Que vão, com seus dulcificos trinados,
Espalhando candentes harmonias!..
Eil-o, de graças, recheado encanto!..
Bem vindo, ó Astro, que rasgaste agora
Da tarda noite, o veo mysterioso!
Bem vindo, ó nuncio da esperança extrema
D'um povo que almejava-te ancioso...
Appareces tão cheio de belleza
De pompa, de fulgor e de grandesa,
Causando tal prazer a um povo inteiro
Que te saúda o Imperio Brasileiro!!!

Rompem-se as nuvens do ceo,
E na celeste manção,
Cantada por Cherubins,
Se escuta alegre canção.
Concede Deos uma Graça
Logo após, a mando Sen,
Brilhando no immenso espaço
Uma Estrella appareceu!
Acordando a Natureza
Meigo sorriso Soltou.
E a Estrella que fulgarava
N'um Anjo se transformou!

E esse Anjo era um Principe!.. tão lindo
Como um sorriso harmonico da Aurora!..
Da madrugada, as lagrimas do orvalho
Que aviventão a prodiga Natura,
Que ás flores dos jardins rompem as galas,
Não são mais bellas! mais gentis! mais ricas!..
E esse Anjo era um Principe querido,
Filho de Prole Augusta, Illustre Prole,
Mimo dos Paes... anelo d'este povo,
Que tão cheio de amor o encara est'hora.

Anjo és tu, e do Ceo te deslisaste
Como o luzir da rapida scentelha,
Si como um meteoro o Ceo cruzaste
Para em terra poisar só por instantes,
Oh! para que vieste?... Mas que digo?...!
Não sabes tu, que os corações te almeião,
Que formão, entre si, uma cadeia
De anneis indistructiveis, perduraveis?
Deos o sabe, Elle é Justo, Bom, Piedoso,
Elle a nós te mandou... tu serás nosso.
Cresce mimo infantil, cresce ligeiro
De Sagrado Hymeneo, Fructo Sagrado,
Nas Virtudes dos Paes industriado.
Faze feliz o povo Brasileiro.

B. J. B.

SONETO.**A' LUA.**

Oh! Ceo da minha patria! Oh! Ceo dourado
Do meu rico Brasil, como és formoso! .
Como é teu alabastro primoroso!
Ceo azul de crisolitas gravado!!!

E' noite... eu te contemplo extasiado.
Brilha em ti esse astro primoroso...
Archote de um clarão delicioso!
Saphira aqui!.. rubim lá dispersado!!!

A' cadente harmonia que propala
Esse astro, rival do astro do dia,
Oh nada, nada n'este mundo iguala!

Vinha dizer-me a vã philosophia:
Não ha Deos... Não ha Deos... perversa cala,
Mentes blasfema! deshúmana! impia!!!

B. J. B.**LYRA.**

Vae ligeiro pensamento,
Vae a Marilia saudar,
Dize que distante d'ella
Vivo sempre a suspirar.
Faz sciente quanto soffre
Meu coração magoado.
Pede a ella que se lembre
De quem é por ella amado.

Conta os estragos que faz
Tão acerba e dura ausencia,
Porem que existe em meu peito
Da constancia a pura essencia.
Retrata meus soffrimentos
Com as mais exactas cores,
Para que fique já sabendo
Quanto custa ter amores.

J. L. N.

CONTO.

— *Bemdicto seja para sempre o ouro.*
Que a si sabê chamar outro dinheiro!.. —
 Exclama um avaro, 'stando ouvindo
 Servo que lhe servia de caixeiro.

O rapaz reflectindo, este bom dicto,
 Que para quem deseja é tão suave,
 Suppoz em sua mente ambiciosa
 Achado ter, da felicidade a chave,

Do salario dinheiros ajuntando
 Por moeda de ouro elle trocou;
 E na greta da burra do avarento
 Segurando a moeda ella encostou.

Certificar-se quiz do avaro o dicto
 Procurando as moedas attrahir,
 Não sei se, por castigo, ou por descuido
 ella dentro da burra foi cahir.

O coitado a chorar vai ter co'amo
 Negalhe o facto d'attracção do ouro;
 Conta que procurando convencer-se,
 A moeda cahira em seu thesouro.

— *A prova n'isso tens de que é verdade,*
(Respon le-lhe o avarento mui contente),
Vê tu lá como o ouro meu, querido
Chamou tua moeda de repente.

A pesar de não dar o teu dinheiro,
A tua experiencia não condemno;
Se ganhei a razão é muito clara:
Sempre pôde o maior que o mais pequeno.

B. J. B.

CHARADAS.

1.ª

Sou de papeis, de cartas, ou de linhas—1.ª e 3.ª
 No drago existo, mas não sou danoso—2.ª
 E' triste assim viver sem companhia—3.ª

Indolente vadio e preguiçoso.

2.ª

Sempre tenho-me em Clementina,
 Porem nunca em Catullo ou Christiano—1
 As vezes ao estudo é inclinada,
 Outras vezes porem a fazer dâmno—2

E sendo nome proprio masculino
 É compassivo, piedoso, humano.

3.ª

Se fora um só, tal nome não tivera;
 Igual em tudo, em tudo semelhante.—1
 Nem por ouvil-o... a minha ingrata Liza
 De mim se tem mostrado mais amante—3.

Na poderosa Inglaterra
 Sou lugar de distincção;
 Em mim se fazem as leis
 Que reger deve a Nação.

ANECDTOA.

Uma senhora, assistindo á procissão do *Corpo de Deos*,
 teve a curiosidade de contar os cavallos do estado do Glo-
 rioso S. Jorge, e como infelizmente troxesse o numero
 de doze, disse muito presumida de si: *não tem duvida,*
são os doze Apostolos.

Explicação das charadas do n. 1.º—1.ª—Epitafio.—2.ª—
 aspero.—3.ª—regato.—